

USO DO TEMPO NA GINÁSTICA RÍTMICA: PERSPECTIVAS DE ATLETAS OLÍMPICAS*

Bruna Locci

brunalocci@gmail.com

Laurita Marconi Schiavon

laurita@fef.unicamp.br

Olívia Ferreira Ribeiro

olivia@fef.unicamp.br

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

RESUMO

Buscamos investigar o uso do tempo e suas proximidades com o “lazer sério”, a partir da fala de ginastas Olímpicas sobre suas rotinas no esporte. Trata-se de uma pesquisa qualitativa fundamentada metodologicamente na História Oral, por meio de depoimentos orais das três atletas brasileiras da Ginástica Rítmica que participaram de Jogos Olímpicos, no período de 1984 a 2016. Foi possível identificar a presença de qualidades que caracterizam o lazer sério na rotina dessas ginastas.

PALAVRAS-CHAVE

Ginástica Rítmica; Lazer Sério; História Oral

INTRODUÇÃO

O presente estudo é um recorte de uma investigação mais ampla sobre a formação esportiva das atletas da Seleção Brasileira Individual de Ginástica Rítmica que participaram de Jogos Olímpicos (JO), no período de 1984 a 2016. Neste extrato se tem por objetivo investigar o uso do tempo e suas proximidades com o referencial do “lazer sério”, a partir da fala das ginastas sobre suas rotinas no esporte de alto rendimento.

* O presente trabalho foi realizado com o apoio da Capes – Brasil – Cód. Financiamento 001.



A Ginástica Rítmica (GR) exige da ginasta inúmeros atributos, conquistados à base de disciplina e muitas horas de treinamento, tais como controle corporal, força, coordenação motora, flexibilidade, equilíbrio e, sobretudo, elegância. Esses aspectos são influenciados por uma cultura própria da modalidade que, desde o início do seu processo de formação, submete a ginasta ter de lidar com as exigências e a pressão em busca da perfeição técnica (LOURENÇO, 2015). Nesse sentido, esse tipo de treinamento, tradicional nas modalidades ginásticas competitivas, que se inicia a partir de 7-8 anos de idade e vai aumentando sua intensidade, carga horária e dedicação durante a vida esportiva das ginastas, evidencia a importância de refletirmos o uso do tempo durante a prática dessa modalidade acerca da linha tênue entre o que pode vir a ser considerado trabalho e lazer.

Historicamente, os debates em torno do lazer no Brasil se fundamentam em estudos em que o lazer é colocado em contraposição ao trabalho. Entretanto, a proposta de Stebbins (2004) posiciona o lazer em forte vinculação com o trabalho, ampliando as reflexões dos estudos tradicionais a partir da perspectiva do "lazer sério". De acordo com Stebbins (2004 *apud* STADNIK, 2008, p. 87):

O lazer sério é uma atividade voluntária, amadora ou um hobby, que, sistematicamente, visa adquirir ou expressar as habilidades, sabedoria e experiências de seus participantes. É uma atividade apaixonante, praticada de forma a despertar o gosto em realizar algo significativo, com um objetivo a ser alcançado.

Em face do exposto e partindo do pressuposto que a dualidade entre o esporte visto como lazer e como trabalho pode apresentar mais relação com o sentido e significado atribuído pelo próprio praticante, do que um conceito propriamente estabelecido, torna-se importante pensar sobre as rotinas nas ginásticas competitivas, sob a ótica das próprias atletas, possibilitando novas reflexões acerca do uso do tempo e seus vínculos com as tradições e condutas que permeiam e normatizam a modalidade.

CAMINHAR METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada metodologicamente na História Oral a partir da variante da História de Vida, por meio de depoimentos orais das três atletas integrantes da Seleção Brasileira Individual de GR que participaram de JO, no período de 1984 a 2016.

A História Oral se diferencia de outros métodos, tanto por assumir o papel de dar visibilidade aos que são excluídos, o que possibilita um novo olhar para uma determinada realidade (THOMPSON, 2002), quanto por proporcionar a "recuperação do vivido, concebido por quem viveu" (ALBERTI, 2004, p.23). Dessa forma, traz informações que não constam em registros oficiais ou mesmo discordam dos registros existentes, como uma evidência nova, que pode indicar caminhos para uma nova interpretação.

Nesse sentido, destacamos a importância de dar voz a essas três ginastas do presente estudo cuja visibilidade reside nas sombras, ainda que tenham marcado a história da GR brasileira. Em ordem cronológica, a representação brasileira em JO foi iniciada pela ginasta Rosane Ferreira Favilla em Los Angeles (1984), seguida por Marta Cristina Schonhorst em Barcelona (1992) e, por fim, Natalia Gaudio nos JO do Rio (2016).

As entrevistas foram realizadas pessoalmente, com duração entre 1h30 e 3h, e mediante apresentação e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e do Certificado de aprovação para Apreciação Ética (CAAE: 69787017.6.0000.5404). Os depoimentos orais foram transcritos e organizados pela técnica de análise cruzada proposta por Thompson (2002).

ANÁLISES E DISCUSSÃO

Os depoimentos orais nos mostraram que as três atletas iniciaram na GR entre os seis e sete anos de idade e, apesar de apontarem que a prática inicial se deu no ambiente escolar, a inserção no âmbito competitivo aconteceu após poucos meses de iniciação na modalidade, com carga horária de treinamento diário entre 4 e 5 horas.



A gente chegava às duas horas e treinava até as seis [...] a gente treinava oito horas por dia quando eu comecei a competir pra mundial [...] desde os sete anos, dez anos, eu estava viajando o mundo sozinha. Eu com o meu passaporte. (Rosane Favilla)

Eu já comecei a treinar todos os dias, por quatro horas, com dez anos (nove para dez anos)..foi logo depois desse primeiro sul-americano. E, depois, dos doze anos pra frente, eram quatro, cinco horas todos os dias, incluindo sábado e domingo. Sempre, então, essa carga horária cheia. E no ano da Olimpíada, eram oito horas todos os dias [...]. (Marta Schonhorst)

São de 4h a 5h por dia, mas isso, assim, quando é um treino normal. Quando está próximo de competição, a gente aumenta um pouco a carga horaria. Aí, às vezes, passa para 7h, 8h por dia [...] Eu, com 8 anos, já competia em campeonato estadual pela primeira vez. Fui vice-campeã já nesse primeiro campeonato estadual. E a minha primeira professora se chama Sônia - que era a professora que me treinava nesse colégio (Colégio São José, onde eu estudava) [...]. (Natália Gaudio)

Como a ocupação do tempo com a ginástica se deu desde a infância, vale ressaltar que a decisão pela prática teve o apoio dos responsáveis, mas partiu do interesse das próprias ginastas, pois segundo Siegenthaler e Gonzalez (1997), o envolvimento dos jovens no esporte, pautado como um lazer sério, pode ser extremamente benéfico, desde que a decisão de participação parta realmente do jovem e não dos pais ou dos treinadores, o que poderia acarretar uma série de problemas, como excesso de cobrança por resultados, ansiedade e infelicidade.

Stebbins (2008, p. 11-13) considera a perseverança, o esforço substancial, a carreira, os benefícios duráveis, o mundo social específico e a identificação como “qualidades distintivas do lazer sério”. Essas qualidades estão visivelmente presentes nos discursos das ginastas ao considerarmos que estas praticaram GR por, pelo menos, 10 anos, e que a carga horária de treinamento poderia representar a ocupação de um terço do dia, tornando evidente a existência tanto de comprometimento quanto de fatores motivadores para a permanência nessa prática.

Eu era “a ginastica em primeiro lugar”. Então, eu não saía, eu não comia doce, não ia pra ‘night’, não fumava maconha, não fumava cigarro [...] Então eu abdicava de muita coisa, mas era prazeroso pra mim, sabia? (Rosane Favilla)

Eu nunca fui a nenhum (compromisso familiar), a família viajava e eu ficava treinando, a família ia de férias eu ficava treinando. Eu tinha só dez dias de férias no final do ano[...] Era um negócio incrível na minha vida. E as minhas colegas de escola sempre: “você não vai?!”, eu falei “filhinha, mas você não vai em uma Olimpíada! Você não vai fazer o que eu faço. Eu viajo o mundo inteiro, faço todas as coisas” [...] O que eu estava fazendo “era aquela hora ou nunca mais” [...] Não tive essa coisa de “ai, eu estou perdendo a minha adolescência, minha infância”. E isso eu devo muito aos meus pais, porque eles souberam sempre me dar esse lastro de segurança, de que minha vida é incrível, e de que era ótimo. E que eu estava fazendo o que eu tinha escolhido fazer. [...] Nunca foi um sacrifício pra mim, eu nunca tive essa sensação de que era um fardo. A gente vê muitos atletas assim. Eu acho isso uma pena, porque você não está usufruindo daquele momento com toda a magnitude que ele tem [...] (Marta Schonhorst)

Eu sempre falo, é igual a essa fase da adolescência: a gente pensa “ah, vou perder as festinhas, vou perder o passeio no shopping”. Sim, mas enquanto suas amigas estão no shopping, você vai estar conhecendo o Canadá, a Bulgária, a Rússia..vai estar conhecendo outros países e culturas, que são coisas muitos mais importantes que você ganha, do que as que você perde [...] Querendo ou não, grande parte das minhas amigas são as meninas que vivem comigo, que treinam comigo desde crianças, então a gente tem muito isso de sair com as meninas da ginastica, para se divertir, comer, pra passear, ir ao shopping, fazer tudo. (Natália Gaudio)

Nessa pesquisa, pode-se afirmar também que as outras atividades vivenciadas no tempo livre pelas ginastas, como por exemplo, os passeios aos shoppings, as viagens e outras diversões, aconteciam junto



com o grupo das atletas e, raramente, com a família e outros amigos. A sociabilidade era vivenciada prioritariamente com as colegas de treino e essa lógica estava impregnada em cada uma das ginastas, como também pôde ser visto na pesquisa com jogadoras de vôlei de Pacheco e Stigger (2016). Esse contexto não era algo considerado árduo para as ginastas, uma vez que o principal objetivo delas era se saírem bem em suas carreiras na ginástica, o que corrobora com as características do lazer sério.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar a centralidade do esporte na vida das ginastas e a presença de qualidades que caracterizam o lazer sério nas rotinas de treinamento. Ficou evidenciado que a ginástica ocupava grande parte do tempo das atletas e o quanto elas se relacionavam com o esporte de maneira significativa e determinante. Para elas, a ginástica era central na organização de suas rotinas e prioridades de vida. A busca de formar uma carreira, com destaque fazia com que elas vivenciassem o esporte com compromisso, disciplina, empenho e esforço, porém era permeado por uma grande satisfação.

USE OF TIME IN RHYTHMIC GYMNASTICS: OLYMPIC ATHLETES PERSPECTIVES

ABSTRACT

We seek to investigate the use of time and its proximity with “serious leisure”, from the testimony of Olympic gymnasts about their routines in sport. It is a qualitative research based methodologically in Oral History, by means of oral testimonies of the three Brazilian athletes of the Rhythmic Gymnastics who participated in Olympic Games, in the period from 1984 to 2016. It was possible to identify the presence of qualities that characterize serious leisure in the routine of these gymnasts.

KEYWORDS: *Rhythmic Gymnastics; Serious Leisure; Oral History.*

EL USO DEL TIEMPO EN LA GIMNASTICA RÍTMICA: PERSPECTIVAS DE ATLETAS OLÍMPICAS

RESUMEN

Investigamos el uso del tiempo y sus proximidades con el “ocio serio”, a partir del discurso de gimnastas olímpicas sobre sus rutinas en el deporte. Esa es una investigación cualitativa fundamentada metodológicamente en la Historia Oral, por medio de declaraciones orales de tres atletas brasileñas de la Gimnasia Rítmica que participaron de los Juegos Olímpicos, en el período de 1984 a 2016. Identificamos la presencia de cualidades que caracterizan el ocio serio en la rutina de esas gimnastas.

PALABRAS CLAVES: *Gimnasia Rítmica; Ocio Serio; Historia Oral.*



REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, v.1, 2004.
- LOURENÇO, M. R. A. *A seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o habitus construído*. 2015. 189 f. Doutorado (Tese de Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- PACHECO, A. C.; STIGGER, M. P. "É Lazer, tudo bem, mas é sério": notas sobre lazer a partir de um cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 129-142, jan./mar. de 2016.
- SIEGENTHALER, K.; GONZALEZ, G. Youth sports as serious leisure. A critique. *Journal of Sport & Social Issues*, August, Vol. 21(3). London: SAGE, pp. 298-314, 1997.
- STADNIK, A. M. W. Representações e práticas de professores universitários de Educação Física. *Quatro histórias de vida*. 2008. Doutorado (Tese de Doutorado) - Universidade do Minho, 2008.
- STEBBINS, R. *Between work and leisure: The common ground of two separate worlds*. New Brunswick: Transaction Publishing. 2004.
- STEBBINS, R. *Serious Leisure: a perspective for our time*. New Jersey: Transaction, 2008.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

